

FINAL  X 

Posse de 69% da Espanha transforma o camisa 10 em coadjuvante da decisão e desconecta a Argentina na despedida do craque das Copas. Aos 39 anos, capitão falha na última missão

Esconderam a bola: Messi, tchau!

MARCOS PAULO LIMA
VÍCTOR PARRINI
Enviados especiais

Nova Jersey — Lionel Messi jogou os 120 minutos da final porque há privilégios reservados apenas aos gênios. Qualquer outro teria deixado o campo antes. O camisa 10 hermano mal viu a bola. Refém da posse sufocante da Espanha, assistiu à decisão correr diante dos próprios olhos sem conseguir ditar o ritmo como tantas vezes fez na carreira e neste Mundial. Mérito de uma La Roja que transformou o maior jogador do século 21, dono de oito Bolas de Ouro, em um coadjuvante da decisão nos Estados Unidos.

Os números ajudam a explicar a atuação discreta. A Argentina finalizou apenas uma vez em toda a decisão, justamente com Messi, e sequer acertou o alvo. Antes do intervalo, passou os 45 minutos sem um único chute, algo inédito desde 1966. O camisa 10 também esteve abaixo do próprio padrão. Acertou 77% dos passes, encontrou o alvo em apenas uma de cinco bolas longas e percorreu 141 metros conduzindo a bola. Os três dribles que tentou deram certo, mas foram insuficientes para romper o controle exercido pela Espanha. Restou-lhe provocar quatro faltas e esperar por uma bola que quase nunca chegou.

A Espanha encontrou a forma mais eficiente de anular Lionel Messi: escondeu a bola. Enquanto a Argentina corria atrás dela, os 69% de posse transformaram o camisa 10 em um espectador da própria despedida em Copas. Acostumado a ser o ponto de partida de praticamente todas as ações ofensivas da Albiceleste, recebeu pouco e participou menos do que o habitual.

Não foi apenas Messi quem perdeu protagonismo. A Argentina também. Acostumada a acelerar o jogo a partir dos pés do capitão, viu as linhas se distanciar enquanto a Espanha monopolizava a posse. Sem conseguir conectar defesa, meio-campo e ataque, a Albiceleste passou longos períodos apenas perseguindo a bola e terminou a decisão reduzida a um papel incomum: sobreviver.

Tudo indica que o capítulo de Lionel Messi nas Copas do Mundo chegou ao fim. Ao lado de Cristiano Ronaldo, tornou-se o único jogador a disputar seis edições do torneio. Despede-se com 34 partidas, 21 gols e 12 assistências.

Se entrou em campo pela última vez em uma Copa, Messi também

Franck Fife/AFP



O atacante Lionel Messi em acirrada disputa de bola com Pau Cubarsí: líder da Argentina foi anulado pela melhor defesa do Mundial

141
METROS

Performance de
Messi conduzindo a
bola no jogo final

fechou um ciclo reservado a pouquíssimos. O argentino igualou o brasileiro Cafu como os únicos jogadores de linha a disputar três finais de Mundial, em 2014, 2022 e 2026. Pelé conquistou três Copas, mas uma lesão o impediu de atuar na decisão de 1962, no Chile. O capitão do penta, porém, continua como o único presente em três finais consecutivas: 1994, 1998 e 2002.

A decisão também colocou Lionel Messi diante de outro pedaço da história. Aos 39 anos e 25 dias, tornou-se o jogador de linha mais velho a disputar uma final de Copa do Mundo, superando o sueco Gunnar Gren, vice-campeão com a Suécia em 1958, aos 37 anos e 241 dias. À frente dele, apenas o lendário goleiro italiano Dino Zoff,

campeão mundial em 1982, quando tinha 40 anos e 133 dias.

Também perdeu um recorde histórico na reta final do torneio. Até a decisão, Messi dividia a artilharia das Copas com 21 gols, mas foi ultrapassado por Kylian Mbappé. O francês chegou a 22 ao marcar duas vezes na derrota por 6 x 4 para a Inglaterra, na disputa pelo terceiro lugar.

Curiosamente, foi o segundo vice de Lionel Messi no MetLife Stadium. Dez anos depois do revés para o Chile na final da Copa América Centenário, o argentino voltou a deixar o estádio derrotado. Naquela 26 de junho de 2016, desperdiçou uma cobrança de pênalti, chorou e anunciou, ainda no calor da frustração, que não vestiria mais a camisa da seleção. “Acabou. Não é para mim”, desabafou.

Nem o título mundial de 2022 blindou Lionel Messi das lágrimas. Depois da cerimônia de premiação, o camisa 10 parou diante da torcida argentina e permaneceu imóvel, apenas observando a festa nas arquibancadas. Chorou. Sem a taça nas mãos, recebeu a maior homenagem da noite: o reconhecimento de quem parecia assistir, pela última vez, a um dos maiores jogadores da história.

Juan Mabromata/AFP



Os melhores jogadores do Mundial

Rodri (C) foi eleito o melhor jogador da Copa. O volante superou Lionel Messi e Mbappé e levou o troféu de Bola de Ouro. Unai Simón (D), que sofreu apenas um gol, venceu o prêmio de melhor goleiro, enquanto o zagueiro Cubarsí (E) recebeu o troféu de melhor jovem da competição

Paul Hanna/AFP



Milhares de pessoas ocuparam ruas e praças: hoje, festa continua com retorno da seleção para casa

comemorações fez com que muitos se preocupassem com o difícil dia que os aguarda. “Não sei como vamos comemorar, já que temos trabalho amanhã”, admitiu Alejandra Silva, 26, que estava no local com a amiga Ángela Lambea, 30. “Nós merecemos. Jogamos muito bem e mantivemos a posse de bola o tempo todo. A Argentina mal tocou na bola”, disse Ángela.

Em uma noite de verão escaldante, o som de fogos de artifício e bombinhas ecoava repetidamente, acompanhado por gritos tradicionais como “campeones, campeones!” e “Qué viva España!”

Essa segunda estrela brilhou intensamente em um país apaixonado por futebol, e onde a geração mais jovem não tivera a chance de celebrar o título da Copa do Mundo de

2010. Hoje, La Roja desembarca no Aeroporto de Barajas com o troféu. De lá, a equipe participará de duas recepções oficiais, uma oferecida pelo rei e pela rainha da Espanha e outra pelo primeiro-ministro, antes de percorrer a cidade em um desfile de ônibus aberto rumo à Plaza de Cibeles, retornando ao mesmo local onde, há dois anos, celebraram o título da Eurocopa 2024.

DRIBLE DE CORPO NA COPA



Marcos Paulo Lima

Espanha prova tese de Ancelotti

Nova Jersey — Antes do início do Mundial, o técnico Carlo Ancelotti afirmou: “Defesas ganham Copas”. Era um indicativo de que o Brasil apostaria em uma retaguarda sólida na tentativa de ganhar o hexa na base da retranca. A Seleção deixou o torneio nas oitavas de final com quatro gols sofridos. Dois contra a Noruega, na derrota por 2 x 1, na qual o time verde-amarelo teve 34% de posse da bola.

Parte da tese de Carlo Ancelotti está comprovada pela Espanha. La Roja conquistou a Copa do Mundo pela segunda vez em 16 anos estabelecendo recorde. É a primeira vez que uma seleção ergue o caneco tendo sofrido apenas um gol durante toda a campanha.

Ao contrário do Brasil — e da própria Argentina na final de ontem —, a Espanha tem um diferencial. Não é covarde. Tem a obsessão pela bola como diferencial. Amou tê-la do início ao fim da Copa do Mundo nos Estados Unidos, no Canadá e no México. Encerrou a partida contra a Argentina com 69% contra 31% dos ex-detentores do troféu.

Há quem não goste do estilo da Espanha. Eu aprovo. Ao reter a bola, o time de Luis de la Fuente isolou Lionel Messi do jogo. O jogador eleito oito vezes melhor do mundo não viu a cor dela usando a linguagem dos boleiros. O camisa 10 finalizou apenas uma vez em mais de 120 minutos de jogo. Errou a mira. Chutou para fora quando a partida estava 1 x 0.

Controlar a bola também minou a França. Mbappé, Olise, Barcola, Doue, Dembélé e companhia estiveram longe da área na semifinal disputada em Dallas. A Espanha eliminou o melhor ataque da Copa. A França fez 20 gols ao lado da Inglaterra. A Argentina marcou 19. No estilo o melhor ataque é a defesa, a Espanha balançou a rede 14 vezes em uma campanha parecida com a do primeiro título na África do Sul, em 2010.

A Espanha faz valer a tese de Carlo Ancelotti. Sim, a melhor defesa, formada por Unai Simón, Pedro Porro, Cubarsí, Laporte e Cucurella ganhou a Copa, mas deixa um recado ao italiano recém-chegado ao futebol de seleções. É preciso ter a bola. Gostar dela. Assim o Brasil ganhou cinco títulos. Sem ela, acumulou a sexta edição sem título e desembarcará na edição centenária de 2030 amargando 28 anos de jejum. Que a Espanha, onde Carlo Ancelotti trabalhou tanto tempo colecionando títulos no Real Madrid, sirva de norte.